



MISSÃO REA

Resumo

O presente artigo foca-se no esclarecimento da missão dos Recursos Educacionais Abertos, enquanto elemento norteador de uma aprendizagem efetiva e de sucesso. Neste sentido, através da leitura de diversas fontes bibliográficas e da conjugação das suas informações, conclui-se que esta tipologia de recursos se apresenta como um movimento crescente em prol da democratização do conhecimento e do seu acesso generalizado. Assim, uma nova forma de aprender se desenvolve, mais colaborativa, participativa e inclusiva.

Palavras chave: Recursos Educacionais Abertos e Aprendizagem.

Abstract

This article focus on the clarification of the mission of Open Educational Resources as a guiding element of effective learning and success. In this regard, by reading different literature sources and the combination of its information, we concluded that this typology of resources presents itself as a growing movement to the knowledge democratization and its widespread access. Thus, a new way of learning develops, more collaborative, participatory and inclusive.

Keywords: Open Educational Resources and Learning.



Pensar no conceito de Recurso Educacional Aberto (REA) é pensar-se num movimento crescente, ainda que complexo, e ajustado às necessidades da sociedade de informação e do conhecimento em que vivemos.

Os REAs assumem, desta forma, o papel de incitador de melhorias significativas na aprendizagem (Keats, 2003), ao facilitarem e democratizarem o conhecimento, pelo impulso à criatividade, à colaboração e à partilha.

Os REAs devem ser entendidos como elementos enriquecedores do projeto educativo global, uma vez que são essenciais para o acesso livre ao direito de acesso à educação e à cultura. Facilitam, desta forma, o acesso ao conhecimento, descentralizando-o de limitações físicas e da sua tradicional associação exclusiva ao ambiente escolar formal.

Hylén (2006) e D'Antoni (2009) refletem sobre esta temática e esclarecem que o movimento REA trabalha de forma alinhada a uma missão conjunta - a de produzir e partilhar o conhecimento. Desvenda-se aqui o seu objetivo de promoção de práticas educativas de colaboração, participação ativa da comunidade e de partilha para uma construção cada vez mais crítica e mais ampla do conhecimento.

Neste sentido, o movimento REA valida e operacionaliza a visão de Freire (1997, p. 21), de que “ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

O potencial pedagógico dos REAs ao permitirem a reutilização em diferentes cenários, a sua readaptação de acordo com as diferentes finalidades e ao estabelecerem diferentes percursos pedagógicos é inegável (Oliveira, 2004, p. 73) e a sua missão demonstra-se em sintonia com as necessidades da sociedade atual.

Um dos objetivos dos REAs é a estimulação da produção criativa, como agentes provocadores (Downes, 2010). Estes agentes provocadores, tentam assim desenvolver diversas competências nos estudantes, que influenciam sobremaneira a sua participação social e cívica.

O movimento REA constrói-se como uma estratégia de rentabilização de investimentos públicos, que assegura a liberdade, a inovação metodológica e a criatividade de produção.



Deste movimento saem valorizados quer o estudante, que ganha novas competências e passa a estar incluído no processo de literacia digital, quer os professores, pela contínua adaptação e formação que lhes é exigida.

Potencializam um processo de aprendizagem que promove o diálogo e a problematização (Freire, 1987), bem como a partilha continuada de perspetivas e ajustes contínuos, incentivando a “troca generalizada de saberes” (Lévy, 2000), em torno de um determinado recurso, uma verdadeira ecologia do conhecimento (Litto, 2006).

Amante (2013, p. 4) considera os REA como

excelentes exemplos de possibilidades de ampliação do alcance educacional das tecnologias. Para além do acesso a estes recursos, o conceito subjacente aponta para a sua co-construção, alterando, acrescentando, adaptando e melhorando, e esse aspeto é especialmente importante do ponto de vista educacional.

Morin (2007) problematiza sete aspetos ignorados em Educação, que devem ser colocados no centro das preocupações da formação dos jovens:

- Conhecimento;
- Conhecimento pertinente;
- Identidade humana;
- Compreensão humana;
- Incerteza;
- Condição planetária;
- Problemas da moral e da ética.

Devemos aqui enfatizar o que remete ao conhecimento pertinente, uma vez que engloba o desenvolvimento de interações e de globalização do conhecimento. Desta forma, a essência REA assume-se como princípio orientador da aprendizagem do futuro, difundindo o conhecimento num contexto aberto, digital e de livre acesso, preparando e estimulando a literacia digital.

Os REAs, divido aos próprios princípios que lhes estão subjacentes, têm muitas potencialidades pedagógicas e alguns desafios que se lhes apresentam. O livre acesso à informação é em si um ponto de partida com bastante potencial para um REA.



Segundo Wheeler (2010), as potencialidades dos REAs são:

- Suporte à aprendizagem ao longo da vida;
- Inclusão social e acesso aos recursos;
- Flexibilidade, diversidade e contexto;
- Melhoria na qualidade dos conteúdos;
- Economia de esforço e de custo;
- Enfoque nas comunidades de aprendizagem e no envolvimento dos estudantes;
- Suporte ao desenvolvimento de competências na resolução de problemas;
- Criação de oportunidades para uma aprendizagem personalizada;
- Possibilidade dos estudantes criarem e partilharem conteúdos.

Por outro lado, os desafios dos REAs descritos por Mota (2011) são:

- Sustentabilidade;
- Resistência à partilha;
- Qualidade;
- Reputação;
- Interoperabilidade;
- Adequação.

Yuan, Macneill e Kraan (2008) apontam ainda a resistência à partilha enquanto desafio a ser superado para o cumprimento da filosofia e da missão REA.

Na sociedade em que vivemos urge, portanto, despertar no estudante as competências consideradas como necessárias para a sua integração na vida ativa, preparação essa que vá ao encontro das exigências do profissional do século XXI. Aqui reside uma mudança efetiva do paradigma educativo.

Para a operacionalização da missão REA devemos recordar que estes devem ser flexibilizados em função da cultura na qual o estudante está inserido. Basta pensarmos em termos religiosos ou culturais: produzir um REA para Portugal, Brasil, Arábia Saudita, Macau, exatamente com as mesmas características, pode trazer conflitos culturais ao nível das abordagens curriculares.

Tanto a linguagem como os conteúdos deverão ser adaptados às realidades, para que os estudantes possam ter uma melhor compreensão dos mesmos.



Em suma, a missão REA é inovar na forma de pensar e assegurar o acesso ao conhecimento necessário à Educação, através da difusão de conteúdo, ferramentas livres, recursos de implementação e práticas que permitam que o profissional de Educação guarde, reuse, revise, remixe e redistribua conteúdos de forma aberta e livre. Uma Educação de qualidade para todos, que abre o acesso ao conhecimento e o difunde pelo ciberespaço, sem fronteiras, sem constrangimentos e em contínua troca de experiências. Podemos afirmar que os REAs são uma mais-valia para o processo de ensino-aprendizagem, que exige o envolvimento de todos os agentes envolvidos, e que promovem uma aprendizagem aberta, flexível, adaptada, partilhada efetiva e de sucesso.

Referências bibliográficas

Amante, L. (2013). *Tecnologias e Educação: novas possibilidades ou novas desigualdades?* Recuperado de

https://www.academia.edu/3561220/Novas_Tecnologias_e_Educacao_Humanizadora_Novas_Possibilidades_ou_Novas_Desigualdades

D'Antoni, S. (2009). Open educational resources: Reviewing initiatives and issues. In *Open Learning: The Journal of Open and Distance Learning*, 24(1), 3-10. doi: 10.1080/02680510802625443

Downes, S. (2010). *Agents Provocateurs*. Recuperado de <http://www.downes.ca/post/54026>

Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido* (17ª ed.) Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1997). *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Editora Paz e Terra.

Hylén, J. (2006). Open educational resources: Opportunities and challenges. In *Paper presented at the Open Education 2006: Community, Culture, and Content*, Logan, UT.

Keats, D. (2003). Collaborative development of open content: a process model to unlock the potential for African universities. In *First Monday*, v. 8, n. 2, fev. 2003. Recuperado de http://firstmonday.org/issues/issue8_2/keats/

Lévy, P. (2000) *Cibercultura*. Lisboa: Piaget.

Litto, F. M. (2006). A nova ecologia do conhecimento: conteúdo aberto, aprendizagem e desenvolvimento. In *Inclusão Social*, [S.l.], 2006. 1(2). Recuperado de <http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/view/32/52>



Missão REA

Hélder Pereira [helderbrunopereira@gmail.com]

Rui Rosa [ruirosa.grh@gmail.com]

Universidade Aberta [<http://www.uab.pt>]

Morin, E. (2007). *Os Sete Saberes para a Educação do Futuro*. Lisboa: Instituto Piaget.

Mota, J. (2011). Recursos Educacionais Abertos: Potencialidades e Desafios. In 2ª Conferência do mestrado em Pedagogia do Elarning. Recuperado de <http://www.slideshare.net/josemota/recursos-educacionais-abertos-potencialidades-e-desafios>

Oliveira, L. (2004). *A Comunicação Educativa em Ambientes Virtuais: Um Modelo de Design de Dispositivos para o Ensino-Aprendizagem na Universidade*. Braga: Universidade do Minho.

Wheller, S. (2010). *What's so good about open educational resouces?* Recuperado de <http://pt.slideshare.net/timbuckteeth/whats-so-good-about-open-educational-resources>

Yuan, L., Macneill, S., & Kraan, W. (2008). *Open educational resources – opportunities and challenges for higher education*.